

● ENTREVISTA

“ESTAMOS FARTOS DE VER A RELIGIÃO SUBJUGADA”

Padre José Martins Júnior

EUGÉNIO PERREGIL
eperregil@dnoticias.pt

O padre “revolucionário” dos tempos pós-Abril de 74, José Martins Júnior, com 84 anos, deixa de ser, a partir deste domingo, o responsável da comunidade da Ribeira Seca, em Machico. Ao DIÁRIO, falou da sua história de vida e revelou que vai se dedicar à escrita.

Foi ordenado padre muito novo em 1962. É verdade que foi dispensado da idade canónica para ser ordenado sacerdote? Sim, confere. Foi em 15 de Agosto de 1962.

É verdade que foi mandado para o Porto Santo por causa de um sermão que fez no dia 1 de Dezembro de 1962 na Sé do Funchal? Sim. Era a magna celebração político-religiosa anualmente realizada no Funchal, com todas as forças vivas em parada. Após o discurso patriótico feito por uma figura pública no adro da Sé, seguiu-se o Te-Deum, precedido pela “Oração de Sapiência” em que o orador sacro exaltava os valores cristãos em consonância com os valores pátrios. Coube-me a mim, padre caloiro, fazê-lo, a convite do delegado da Sociedade Portuguesa de Geografia, promotora do soleníssimo evento.

Do alto do púlpito, citei: “Os maiores criminosos não estão nas cadeias”. Citei ainda Jesus à Samaritana: “Os verdadeiros adoradores do

Meu Pai são os que O adoram em espírito e verdade”. E acrescente: “O nosso Jesus não precisa de adoradores que venham ajoelhar-se em fofas almofadas vermelhas”. Azar o meu! (Ou sorte!...) Quem, ali tinha almofadas vermelhas para ajoelhar-se eram só os dois governadores, civil e militar. Resultado: ‘guia-de-marcha’ para o Porto Santo.

Como paróquiar no Porto Santo naquela época, onde o isolamento e a pobreza da ilha eram sentidos com muita força? Porto Santo em 1963 - ilha isolada, desprezada pelas autoridades da Madeira (queixavam-se os residentes) terra de colónia acentuada e carências muitas. Não obstante a sua situação de pobreza rural e duplamente insular, os porto-santenses mantinham um substrato de nobreza ancestral, que eu facilmente notava e gostosamente apreciava, quer nos homens, quer nas mulheres. Ainda hoje, comove-me intimamente a generosidade dos paroquianos que estabeleceram entre si uma ‘escala de serviço’ e, sabendo que vivia só, convidavam-me a ir tomar as refeições às suas próprias casas. Inesquecível!

Maior, porém, que as privações era a alegria daquela gente, a simpatia, a gentileza, o grupo folclórico, enfim - uma beleza comum - e de tal forma que o deserto transformou-se em paraíso.

Martins Júnior diz que se viu “igual aos bárbaros da Igreja Ortodoxa” quando esteve na guerra do Ultramar como capelão. A Ribeira Seca foi uma “segunda África”.



ERA UMA VEZ
UMA PRAGA,
E VIVERAM FELIZES
PARA SEMPRE.

EXTERMINIO
CONTROLO DE PRAGAS

☎ 291 930 500

✉ geral@exterminio.pt

Ja invest
Nomatic

www.jainvest.pt
© jainvest

geral@jainvest.pt | +351 932 976 799
Os produtos HOME estão disponíveis
nos nossos distribuidores/representantes